

EDITORIAL

Esta edição especial *Criminologia crítica e questão racial* retoma a tradição dos Cadernos do CEAS de reverberar a luta contra a discriminação, o preconceito e o racismo, desta feita colocando o dedo em chagas secularmente abertas da sociedade brasileira, a saber, o direito penal e seu sistema prisional, a segurança pública e a política antidrogas, todas elas manifestações concretas do estado de beligerância permanente contra os negros, pobres e excluídos da terra, dos meios de produção e de políticas públicas de qualidade. Essas feridas explicitam a natureza socialmente perversa do sistema socioeconômico e o caráter de dominação social e racial do seu arcabouço jurídico penal, que indubitavelmente projeta-se contra os negros e pobres das periferias urbanas e rurais de Norte a Sul deste país.

Centrada nos estudos sociológicos relacionados ao crime, a base empírica dos artigos aqui publicados evidencia o que todos percebem cotidianamente, a máquina judicial-penal concentra sua ação destacadamente sobre os negros. Mas, como entender essa constatação? Por que isso continua a ocorrer? Por que se naturaliza socialmente essa aberração no Brasil? Na tradição dos Cadernos, talvez, a base argumentativa para apresentar uma resposta inicial a tais questões buscasse apoio nas elaborações de Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Eric Williams, Robin Blackburns, para citar algumas referências anti-capitalistas da teoria crítica ou do marxismo. Mas esse não é o caso desse número especial.

Na perspectiva teórica da edição especial *Criminologia crítica e a questão racial* o elemento analítico fundamental para se compreender a realidade antes mencionada é o racismo. Nesse sentido, ao contrário de focar a reprodução das desigualdades raciais (poderíamos acrescentar também as de gênero, geração etc.), como elemento central da engrenagem socioeconômica brasileira, a abordagem analítica aqui adotada prioriza o aspecto cultural e ideológico representado pela noção de *racismo*, cuja força heurística possibilita, na compreensão dos seus autores, a adequada compreensão da realidade social-racial construída em quase 400 anos de escravidão no país.

Por fim, deve ser dito, que as breves observações conceituais a respeito da edição especial que ora publicamos desejam, apenas, ressaltar o caráter plural e democrático dos Cadernos, abertos às abordagens críticas de matizes variados, buscando a reflexão livre e criativa dos nossos colaboradores e leitores.

Boa leitura.

Os editores

Joaci Cunha e Ângela Borges